

# ULISBOA

Revista da Universidade de Lisboa | 27 | Maio 2023



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL  
ULISBOA ALUMNI



17 OUT.

estatua Fernando Pessoa

Baixa-Chiado

café A Brasileira

37

38

NO FINAL DE 2022,  
A INTELIGÊNCIA  
ARTIFICIAL IRROMPEU  
SUBITAMENTE NO  
ESPAÇO PÚBLICO. NESTE  
NÚMERO DA REVISTA  
ULISBOA, OLHAMOS  
– COM CURIOSIDADE,  
ESPANTO, E UMA PONTA  
DE ANSIEDADE – PARA  
ESTAS NOVIDADES  
FASCINANTES.

Além do artigo «Aprender a ser humano», em que falamos com Mário Figueiredo e André Martins, dois investigadores do Instituto Superior Técnico que trabalham nestas áreas, a própria capa do número alude a estes acontecimentos – mas não só. A imagem da capa foi gerada com o programa Wonder-AI em resposta ao pedido «imagem de António Feijó a ler a Revista ULisboa». E, com efeito, neste número damos também um destaque especial à entrevista com António M. Feijó, a propósito da sua nomeação como Professor Emérito da Universidade de Lisboa. Cumpre recordar aqui que, além da sua distinta carreira académica, António M. Feijó concebeu e fundou a Revista ULisboa, dirigindo-a durante os primeiros 22 números. Dedicamos também atenção a diversos membros e realidades da nossa comunidade académica: a ULisboa Alumni, fundada em 2016; uma aluna e uma professora da Faculdade de Direito, que, nos campos de ténis, trocam de posições; e o percurso, rico e invulgar, de Jorge Vaz de Carvalho, antigo aluno da ULisboa. ♦

# ÍNDICE

**1 - 2**

**Editorial  
Índice**

**3**

**Notícias**

**6 - 7**

Sobre

**O Provedor do Estudante**

FERNANDA OLIVEIRA

4 Coisas

**Daniel Crespo**

**8**

**Aprender  
a ser humano**

**14**

**António M. Feijó**



**20**

**ULisboa Alumni**



**24**

**Rita Santos  
e Vladyslava Kaplina**



**28**

E assim sucessivamente

**Jorge Vaz de Carvalho**



**32**

Quem lê por último

**Paulo Crawford lê**

*Albert Einstein – Max Born:  
Correspondência 1916-1955*



Edição e propriedade | Universidade  
de Lisboa · Departamento de Arquivo,  
Documentação e Publicações

Diretor | Henrique Leitão

Direção executiva e produção | Ana Silva Rigueiro

Redação e comunicação | Ana Cláudia Santos  
Ana Luísa Valdeira · Helena Carneiro

Fotografias | Ana Luísa Valdeira  
José Bértolo · Mariana Castro

Capa | Imagem coproduzida pelo programa de IA  
Wonder-AI, de acordo com a indicação «António  
Feijó a ler a Revista ULisboa, em estilo Pop Art»

Contracapa | Imagem coproduzida pelo  
programa de IA Wonder-AI sobre a imagem  
da capa, de acordo com a indicação «Apagar  
objeto», seguida de seleção da figura humana

Verso da capa | O Caderno de Viagens  
entre Margens © Ângela Oliveira

Design gráfico | Susana Villar

Impressão | Lidergraf – Sustainable Printing

Tiragem | 10 000 exemplares

Periodicidade | março, maio, outubro e dezembro

Assinaturas e distribuição  
imprensa@reitoria.ulisboa.pt

Depósito legal | 418564/16

ISSN | 2183-8844

Contactos gerais  
Imprensa da Universidade de Lisboa  
Alameda da Universidade · Cidade Universitária  
1649-004 Lisboa · Portugal  
Tel.: +351 217 904 750 - Ext. 19 750  
E-mail: imprensa@reitoria.ulisboa.pt

Distribuição Gratuita



**IMPRESA  
DA UNIVERSIDADE  
DE LISBOA**



Erupção dos Capelinhos, Ilha do Faial, Açores

© Fotografia de Salvador Fernandes (Foto postal Faial, Açores), [16-XI-1957] | Fototeca CEG/IGOT/ULisboa - F4462

## 80 anos do Centro de Estudos Geográficos + 80 Anos, 80 Fotografias

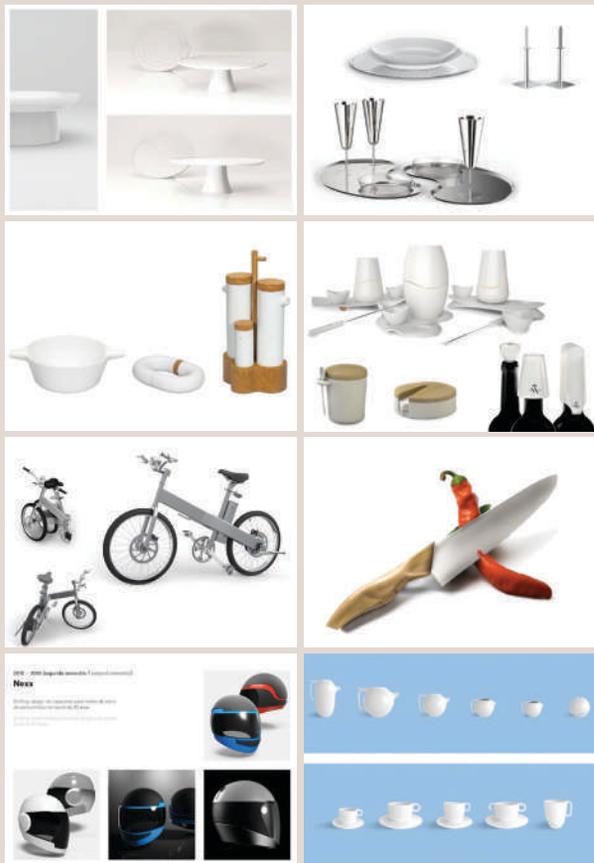
Comemora-se em 2023 o 80.º aniversário do Centro de Estudos Geográficos (CEG), unidade de I&D atualmente integrada no IGOT. Desde a sua fundação em 1943, por Orlando Ribeiro, o CEG tem sido o centro de referência nacional para a investigação em geografia. A sua equipa é composta por 68 investigadores doutorados integrados, 80 estudantes de doutoramento e bolsiros, e 70 colaboradores, organizados em 6 grupos de investigação. O trabalho do CEG centra-se na exploração e compreensão da complexidade dos fenómenos geográficos, dos desafios globais contemporâneos às dinâmicas regionais e locais, abrangendo áreas tão diversas como: mudanças climáticas e ambientais, avaliação e gestão de riscos, modelação, gestão espacial e planeamento, dinâmicas e políticas urbanas e regionais, migrações, espaço e sociedade, e turismo, património e território. Este trabalho tem contribuído para o avanço do conhecimento fundamental a nível teórico, concetual e metodológico, mas também se traduz em investigação aplicada, em trabalhos de prestação de serviços à administração pública e às empresas, e no apoio à elaboração e implementação de políticas públicas.

A excelência da investigação do CEG tem sido reconhecida também nos *rankings* internacionais. O *Ranking* de Xangai, em 2022, posiciona a Geografia da ULisboa no 83.º lugar mundial e no 24.º lugar na União Europeia. Recentemente, o SCImago Institutions Rankings 2023 colocou a ULisboa, na área de conhecimento de Geografia, Planeamento e Desenvolvimento, entre

as 25 melhores do mundo, as 5 melhores da União Europeia, e a 1.ª no espaço ibero-americano.

No âmbito da celebração deste aniversário, estará patente no IGOT, até 14 de julho, uma mostra de 80 fotografias do património fotográfico da Fototeca do CEG/IGOT-ULisboa. As fotografias escolhidas vão dos finais da década de 1920 ao início da década de 1980, estando nelas representada a primeira geração de investigadores do Centro.





## Ensinar com a Indústria

Com curadoria de Paulo Parra, *designer* e professor da Faculdade de Belas-Artes da ULisboa, a exposição *Ensinar com a Indústria: um percurso do projeto ao design de produto* surge no âmbito das comemorações dos 10 Anos da ULisboa. Patente de 13 de abril a 2 de junho na Reitoria da Universidade de Lisboa, esta mostra teve o objetivo de dar a conhecer algumas das parcerias mais importantes nos últimos 15 anos entre a FBAUL e o tecido industrial português.

Os painéis situados no átrio da Reitoria apresentaram com clareza a versatilidade da área de Design de Produto e Serviços, mostrando exemplos da conceção de produtos para hotelaria, casa e cozinha; peças de mobiliário, de cutelaria e de iluminação; *design* de habitação, de capacetes de estrada e até de transportes. O EcoCar, desenvolvido no âmbito da investigação e no contexto das preocupações sobre mobilidade urbana e sustentável, esteve exposto no local.

Estas parcerias representam, nas palavras de Paulo Parra, «uma mais-valia estrutural na formação dos estudantes e na construção de uma experiência em contacto com o meio profissional».



© Junitec

## Junitec é Junior Empresa do Ano

A Junitec – Junior Empresa do Instituto Superior Técnico foi distinguida pela Junior Enterprises Europe como «Junior Empresa do Ano» europeia. É a primeira junior empresa, em Portugal, premiada pela JE Europe, que representa mais de 34 000 estudantes provenientes de 380 junior empresas de 16 países europeus. A distinção foi recebida no âmbito dos European Excellence Awards e refere-se ao trabalho desenvolvido no ano de 2022.



## Marta Rosado da Fonseca Prémio Jacques Delors

A antiga aluna do Mestrado em Economia e Políticas Públicas, do ISEG, viu a sua dissertação de mestrado, *Subsidiariedade como Instituição na Europa: dos pequenos passos ao futuro comum*, ser distinguida com este prémio, referente a 2020 (a atribuição tardia deveu-se às restrições impostas pela pandemia). Carlos Farinha Rodrigues, coordenador do mestrado, afirmou que «esta atribuição constitui um reconhecimento da qualidade do ensino ministrada no ISEG e no Mestrado em Economia e Políticas Públicas, e é uma honra para a Escola».

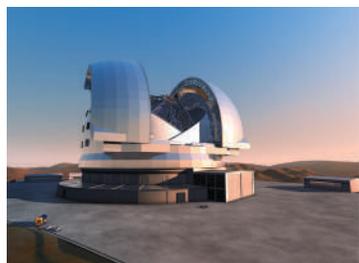
O Prémio Jacques Delors foi instituído em 1996 pelo Centro de Informação Europeia Jacques Delors – Direção-Geral dos Assuntos Europeus|Ministério dos Negócios Estrangeiros e tem o patrocínio do Banco de Portugal. As obras premiadas têm publicação pela editora Principia.

## RED – Revista Estud(i)os de Dança

Foi lançada a 28 de abril, data em que se comemora o Dia Mundial da Dança. Trata-se de uma publicação científica no âmbito da dança, editada pelo Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md), polo da Faculdade de Motricidade Humana da ULisboa, e pelo Centro de Estudos em Artes Performativas (CEAP). Publicada exclusivamente *online*, na modalidade de acesso livre e com arbitragem científica (dupla revisão cega por pares), aceita submissões de artigos originais (português e inglês) de cariz experimental, ensaios, trabalhos de âmbito transdisciplinar, bem como outros materiais úteis para os Estudos de Dança: entrevistas, textos biográficos, testemunhos e portefólios, de e com bailarinos/intérpretes, coreógrafos e outros profissionais da dança.

O primeiro número da RED contém artigos de antigos estudantes de doutoramento e pós-doutoramento em Motricidade Humana, especialidade de Dança, curso oferecido pela Faculdade de Motricidade Humana.

Pode aceder à RED aqui: <https://ojs.fmh.ulisboa.pt/index.php/red>



## O maior telescópio do mundo

O ELT – Extremely Large Telescope está a ser construído no Chile, sob a alçada do European Southern Observatory. Uma equipa de cientistas portugueses da Faculdade de Ciências da ULisboa e da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, membros do CENTRA – Centro de Astrofísica e Gravitação do Instituto Superior Técnico, colaboram neste empreendimento, com o desenho e construção do subsistema de suporte, alinhamento e acesso ao METIS – Mid-infrared ELT Imager and Spectrograph. O METIS, cujo custo total será de 95 milhões de euros e cuja massa é de 12 toneladas, detetará radiação invisível ao olho humano; dele fará parte integrante o subsistema WSS – Warm Support Structure, que a equipa portuguesa está a desenvolver. Este subsistema é responsável pelo posicionamento do METIS com uma precisão de 10 milionésimos de uma rotação e 100 milionésimos do metro e deve resistir em total segurança a um grande terremoto, sendo capaz de suportar uma massa equivalente de 40 toneladas.

Prevê-se que o ELT entre em funcionamento a partir de 2025. O seu espelho primário, de 39 metros de diâmetro e sistemas de ótica adaptativa avançados, permitirá ver detalhes seis vezes mais finos do que o Telescópio Espacial James Webb e 20 vezes mais finos do que o Telescópio Hubble.



## Maria Manuel Mota ERC Advanced Grant

É a terceira bolsa do Conselho Europeu de Investigação atribuída à investigadora, desta vez no valor de 2 500 000 €. O financiamento atribuído ao projeto «Compreender o inimigo – *Plasmodium* – para combater a malária» permitirá explorar a relação entre a multiplicação exacerbada dos parasitas *Plasmodium* no fígado e a gravidade da doença da malária.

Maria Manuel Mota é professora na Faculdade de Medicina da ULisboa e líder da Unidade de Malária do Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes, onde é atualmente diretora executiva. A sua investigação centra-se no estudo das interações dos parasitas que causam malária, *Plasmodium*, com os seus hospedeiros.

## Manuela Raposo Magalhães Prémio Gonçalo Ribeiro Telles Ambiente e Paisagem 2022

A arquiteta paisagista foi professora no Instituto Superior de Agronomia e no Instituto Superior Técnico. Atualmente aposentada das funções de docência, é investigadora do centro de investigação LEAF – Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food, e coordenadora do projeto SCAPEFIRE, que pretende criar um modelo sustentável de ordenamento do território para a prevenção dos incêndios rurais.

O Prémio Gonçalo Ribeiro Telles Ambiente e Paisagem é uma iniciativa conjunta do Instituto Superior de Agronomia, da Ordem dos Engenheiros, da Causa Real, da Universidade de Évora e da Associação Portuguesa dos Arquitetos Paisagistas, com o apoio da família Ribeiro Telles. É atribuído anualmente a personalidades que se tenham destacado nas áreas do Prémio e com percursos de vida ligados ao serviço cívico.

# O PROVIDOR DO ESTUDANTE

Maria Fernanda Oliveira \*



**O**s Estatutos da Universidade de Lisboa estabelecem no seu artigo 39.º, como órgão universitário, a existência de um Provedor do Estudante.

O Provedor do Estudante é um órgão independente que tem como função, sem poder de decisão, a defesa e a promoção dos direitos e interesses legítimos dos estudantes universitários. Compete ao Provedor apreciar queixas dos estudantes sobre matérias pedagógicas e matérias administrativas com elas conexas, assim como sobre outros aspetos da sua vida académica, e dirigir aos órgãos competentes da Universidade as recomendações que considere necessárias e adequadas à prevenção e reparação das injustiças verificadas.

Assim, o Provedor deve agir como mediador, procurando dirimir conflitos entre estudantes, ou entre estes e outros membros, órgãos, agentes ou serviços da Universidade; deve procurar, em colaboração com os órgãos, agentes ou serviços competentes, as soluções mais adequadas à tutela dos direitos dos estudantes e ao aperfeiçoamento da ação administrativa; dirigir as recomendações necessárias aos órgãos, agentes ou serviços competentes da Reitoria, Escolas, Serviços Autónomos e Unidades Especializadas da Universidade de Lisboa, com vista à correção de ilegalidades ou injustiças, com o objetivo de melhoria dos procedimentos; recomendar ao Reitor ou aos presidentes e diretores das Escolas a realização de averiguações e inquéritos que considere necessários ou convenientes; emitir parecer sobre quaisquer matérias relacionadas com a sua atividade.

Quando aceitei que o meu nome fosse indicado à Comissão para os Assuntos Pedagógicos e Estudantis do Senado para pa-

recer, e posteriormente enviado ao Conselho Geral para votação, foi com a convicção de que poderia ajudar os estudantes a resolver alguns dos problemas que os afligem. Desde que tomei posse, a 5 de setembro de 2022, tenho vindo a receber queixas de estudantes incidindo, principalmente, em questões de natureza administrativa, nomeadamente problemas com inscrições e reconhecimentos de grau, para referir apenas os mais frequentes. As funções que exerci nos anos anteriores (subdiretora, para a área académica, de uma Escola da ULisboa) deram-me um conhecimento profundo dos procedimentos académicos, uma mais-valia na apreciação dos casos que me têm vindo a ser colocados.

As atividades do Provedor do Estudante desenvolvem-se em articulação com os conselhos pedagógicos das Escolas, com as associações de estudantes, com os Serviços de Ação Social e com a colaboração dos presidentes/diretores das Escolas. Por este motivo, assim que iniciei esta função, realizei reuniões com tais diretores/presidentes e com os representantes das associações de estudantes de todas as Escolas da ULisboa. Foram encontros que decorreram de forma cordial e que estão a revelar-se muito úteis na interação entre a provedoria e as Escolas, e entre a provedoria e os estudantes

É de salientar que o Provedor pauta a sua atuação pela lei e pelos princípios consagrados na Carta de Direitos e Garantias e no Código de Conduta e Boas Práticas da ULisboa, intervindo nos assuntos que lhe sejam suscitados numa perspetiva de mediação e de conciliação de interesses, podendo emitir recomendações, mas não tendo, nunca, poder de decisão. ♦

\* Professora do Departamento de Estatística e Investigação Operacional da Faculdade de Ciências e Provedora do Estudante da ULisboa

## DANIEL CRESPO\*



Foi no Jardim Botânico da Ajuda que iniciei a minha aventura botânica. Este é o mais antigo jardim botânico de Portugal, pleno de cantos e recantos, de plantas majestosas – como o dragoeiro (*Dracaena draco*) com 400 anos e com 23 metros de copa –, onde chegam a existir locais secretos, como aquele junto ao tabuleiro superior, entre a estufa real e a estufa das orquídeas, debaixo de uma *Sophora japonica* pendula, onde podemos ficar ocultos e mergulhar no silêncio do jardim. Um livro para ler depois de uma visita? Seria com toda a certeza *O Messias das Plantas – Aventuras em busca das espécies mais raras do mundo*, de Carlos Magdalena.



A aventura botânica continuou pela Tapada da Ajuda, onde colaborei na manutenção dos espaços verdes. A Tapada é um Parque Botânico com cerca de 100 hectares, classificada como Imóvel de Interesse Público. Aqui destacam-se várias zonas verdes: jardins, arboretos, viveiros florestais, pomares, olivais, vinhas, prados, hortas, etc. A simbiose entre as plantas e a fauna é perfeita. E nós, jardineiros, tentamos ser invisíveis, silenciosos. Todos sabemos o papel a desempenhar, dos jardineiros às abelhas e ao esquilo vermelho. Todos contribuem para o pulsar da Tapada. Eu também tentei contribuir. É curioso saber que alguns dos eucaliptos da Tapada da Ajuda são utilizados para alimentar os coalas do Jardim Zoológico de Lisboa! Um documentário para ver depois de uma visita? *Dirt! The Movie*, inspirado no livro de *Dirt: The Ecstatic Skin of the Earth* de William Bryant Logan.



É no Jardim Botânico Tropical que pontualmente apoio as equipas de jardineiros na manutenção geral. A beleza deste jardim é encantadora, a sua especialidade é precisamente a flora tropical e a subtropical. Foi nele que ouvi um dia uma melodia improvável com a afinação plena que só três piscos de peito ruivo (*Erithacus rubecula*) podiam ter, enquanto contemplava a magnífica coleção de palmeiras, sobretudo a especial *Jubaea chilensis* (em perigo de extinção). Aprendi a ter o pisco de peito ruivo como companhia e conselheiro no meu dia a dia como jardineiro. Um trio para ouvir depois da visita a este jardim? Seria com toda a certeza o trio Jarreau, Hendricks, Elling com a Metropole Orchestra.



Estou diariamente no Jardim Botânico de Lisboa, onde escuto as conversas animadas e os sussurros das estonteantes e gigantes *Quercus libani*, da *Ficus macrophylla*, das *Araucaria angustifolia*, da *Ceiba speciosa* ou do deslumbrante Cipreste do México. É impossível não me sentir um *Ent* neste meio (J.R.R. Tolkien descreve os *Ents* como seres protetores das árvores e semelhantes a elas). Mas este jardim botânico não é só habitado por gigantes, também aqui habitam exemplares únicos, quase despercebidos, como o *ophiopogon japonicus* (relvado japonês). Este é muito sensível ao pisoteio, chegando muitas vezes a morrer como consequência. Ouço-o muitas vezes dizer: «Sai de cima de mim, também sou uma planta, como essa sequoia aí em cima, não (me) vês?» Um livro para ler depois de uma visita? Com toda a certeza *A Revolução das Plantas*, de Stefano Mancuso.





# Aprender a ser HUMANO

Parece haver no ser humano uma necessidade constante de se diferenciar dos outros seres vivos no planeta, e até no universo. As principais características invocadas para essa demarcação estão relacionadas com as capacidades cerebrais, expressas em atributos como a criatividade ou a inteligência. Esta crença está agora a ser desafiada, a um nível nunca antes atingido, com o surgimento da Inteligência Artificial – IA. A este propósito, falámos com Mário Figueiredo e André Martins, professores e investigadores no Instituto Superior Técnico.

---



«Há aspetos em que as máquinas são muito melhores do que nós; a capacidade que estes modelos têm de processar e, sobretudo, de comunicar dados para o exterior é muito superior à nossa.»

André Martins

Osso receio acerca do que esta tecnologia possa vir a ser, considerando a rapidez com que tem evoluído, manifesta-se de formas mais ou menos subtis, como contestar o nome que lhe é dado: «inteligência». Mário Figueiredo discorda do uso deste conceito, argumentando que ainda não se chegou, sequer, a uma definição consensual do que é a inteligência humana, dada a complexidade de fatores que a constituem. Como alternativa, propõe *artificial learning*, «aprendizagem artificial», que junta termos de dois conceitos: *machine learning* e *artificial intelligence*. Conta-nos que quem trabalha nesta área adere à máxima cunhada por Alan Turing no artigo sobre a máquina homónima que criou, e da qual diz: «Se um computador me enganar e eu não o conseguir distinguir de um humano, então merece que eu o chame de inteligente.» O uso do verbo «merecer» permite escapar a uma definição perentória de «inteligência» e do que tal atributo implica; permite que se saia airoso

da questão com: «Quando a vejo [à inteligência], reconheço-a.»

Como podemos então definir IA? Isabel Gorjão Henriques, jornalista do Público, escreveu um artigo em 2006, ano comemorativo do 50.º aniversário da IA, e sintetizou-a do seguinte modo: «A inteligência artificial distancia-se da informática porque usa linguagens de programação diferentes, que deixam em aberto um espaço para que a máquina possa aprender. Não são programas fechados, determinísticos como os que se usam habitualmente nos computadores, em que uma ordem corresponde a uma resposta. São programas que procuram imitar o comportamento humano [e as suas capacidades cognitivas] e que, por isso, têm de ser bastante flexíveis. Imitam as pessoas, por exemplo, na sua capacidade de falar, de entender uma língua ou decifrar uma imagem.» André Martins concorda com esta definição, que qualifica de «uma definição com os pés na terra, que descreve o que já se consegue fazer». De uma máquina de IA pode de facto dizer-se que tem a capacidade de aprender: «Na IA predominam métodos que aprendem formas de gerar ou prever dados parecidos a partir de uma série de dados produzidos por humanos. Chama-se a isto aprendizagem automática, ou *machine learning*. O desafio é melhorar o desempenho à medida que mais dados estão disponíveis. O conjunto de tarefas que para os humanos são aborrecidas, monótonas, repetitivas, e que as máquinas conseguem fazer, é cada vez maior.»

André Martins não levanta objeção ao uso do conceito de inteligência no caso da IA, mas sublinha uma diferença crucial: «A inteligência humana resulta de um processo de evolução com bilhões de anos. Desenvolveu-se com objetivos concretos: a sobrevivência da espécie, a capacidade de reprodução. Esses elementos estão ausentes nos sistemas de IA existentes até ao momento.» Ainda não é possível, garante Mário Figueiredo, fazer com que uma máquina se mova, veja, escute, cheire, e integre todas as informações que está a receber em simultâneo, como um ser humano; o que falta é a integração no meio ambiente. A criação de comunidades foi decisiva na evolução da inteligência humana, na medida em que obrigou ao desenvolvimento de ferramentas de interpretação essenciais: «É necessária uma inteligência sofisticada para lidarmos com pessoas. Precisamos de saber que têm características e personalidades diferentes, saber o que estão a pensar, como vão agir. Precisamos de construir um modelo do que nos rodeia e antecipar cenários futuros.» Os sistemas de IA não evoluem desta forma porque ainda não foi encontrada uma maneira de os colocar em interação com o meio.

Oficialmente nascida no ano de 1956, em Dartmouth, numa conferência em que John McCarthy, matemático e engenheiro informático, firmou o seu nome, a IA passou por fases de descrença na sua continuidade. Na década de 1950, um otimismo acerca da sua evolução era explosivo – afirmava-se que dentro de dez anos seria possível construir uma máquina em tudo semelhante ao ser humano. O interesse esmoreceu quando tal não se verificou, e só voltou a surgir no

início dos anos 1990, com os *expert systems*. Tratavam-se de sistemas usados em áreas díspares, da banca à medicina, em que especialistas da área de conhecimento criavam uma série de regras com que as máquinas pudessem ser programadas. Houve, contudo, um entrave: «É frequente um especialista ser muito bom a tomar decisões nesse assunto, mas, se lhe pedirem para dizer ou escrever o que sabe e os raciocínios que faz para chegar a determinadas conclusões, não consegue. Passar esse conhecimento para dentro das máquinas era o buslís da questão.» A IA passou então pelo chamado segundo inverno, debelado ainda no final dessa mesma década com o desenvolvimento de *machine learning*, a automatização do processo de passagem de conhecimento para as máquinas.

A semelhança entre os sistemas de IA e os seres humanos não é uma coincidência, considerando que processam triliões de dados gerados por pessoas e são sistemas treinados para nos imitarem. O ChatGPT, por exemplo, leu uma quantidade de informação que demoraria a um ser humano cinco mil anos a ler, se o fizesse durante as 24 horas do dia, ininterruptamente; e leu-a em todas as línguas. O GoZero derrotou o campeão mundial – humano – do jogo de Go porque simulou dez milhões de jogos; uma pessoa, se jogasse todos os dias, conseguiria chegar aos dez a quinze mil jogos numa vida inteira. Neste sentido, André Martins não hesita em afirmar que «há aspetos em que as máquinas são muito melhores do que nós; a capacidade que estes modelos têm de processar e, sobretudo, de comunicar dados para o exterior é muito superior à nossa. Podem copiar uma quantidade muito grande de informação, e eu posso fazer uma cópia de um modelo de IA, mas não consigo fazer uma cópia dos nossos cérebros».

Nenhum sistema de IA possui aquilo a que se chama consciência. Quando nenhuma pergunta é colocada ao ChatGPT, o sistema não está a ter uma vida interior, ao contrário dos seres humanos. Mário Figueiredo recupera uma expressão antiga e diz-nos: «As máquinas não matutam! [Risos] O que não quer dizer que não venham a fazê-lo.» A IA também não tem emoções, mas pode ser programada no sentido de as emular. «Conseguimos programar emoções», diz-nos André Martins, «se treinarmos em dados em que os humanos têm determinado tipo de emoção. Mas a génese dessas emoções é diferente. No ser humano, estão ligadas à sobrevivência: se ouvir um rugido de um tigre, tenho de fugir porque a minha vida está em perigo, tenho a emoção de medo.»

A IA simula o resultado da experiência de seres humanos, mas não tem experiência própria. São sistemas treinados numa quantidade enorme de dados de modo a prever a próxima palavra que ocorre num texto, de acordo com o contexto criado pelas palavras precedentes. «O ChatGPT está sempre a ser afinado, refinado», explica Mário Figueiredo; «o seu treino é desenhado para enganar os seres humanos. O sistema viu milhares de exemplos do que uma pessoa teria escolhido para a palavra seguinte e está a tentar copiar isso.» Todas as respostas enunciadas pelo ChatGPT são automatizadas; são

«uma conta muito complicada, mas apenas uma conta».

Não tendo emoções, a IA desperta emoções em nós; somos capazes de nos relacionarmos emocionalmente com ela devido a uma característica humana denominada detecção de agência hipersensitiva – a atribuição de agência, ou intencionalidade, ao que nos rodeia. Mário Figueiredo lembra os Tamagotchi do final da década de 1990, os primeiros «animais domésticos» digitais, e da facilidade com que os seus filhos ficavam convencidos de que «o Tamagotchi estava com fome, ou triste; nós vemos duas pintas e um risco e é uma cara. Ou podemos irritar-nos com um objeto».

Se a IA está cada vez mais a aproximar-se das nossas capacidades cognitivas e, em muitos casos, até a superá-las, está também, ao mesmo tempo, a sublinhar o que nos distingue de uma máquina, acentuando o que é exclusivamente humano. As emoções e a consciência parecem ser duas das qualidades humanas em que esta diferença é indiscutível. Mas o mesmo se passará com a criatividade? Com a capacidade humana para escrever, compor, desenhar e criar imagens? Estarão os sistemas de IA a aproximar-se do nosso potencial criativo? Em que circunstâncias? Com que resultados?

Em 2016, a pintura tridimensional *Edmond de Belamy*, gerada com base em informação recolhida sobre o pintor holandês Rembrandt, rendeu 432 500 dólares num leilão em Nova Iorque. Era a primeira obra de arte totalmente produzida por um sistema de IA. Nessa altura, os meios de programação eram ainda inacessíveis ao artista comum. Hoje, sete anos depois, já todos temos acesso a diversos programas que permitem criar várias peças: no Botnik podemos compilar e combinar textos e ainda gerar novos capítulos; no Dall-e e no Midjourney podemos criar imagens a partir de simples descrições textuais. E tudo em segundos.

André Martins explica que os sistemas existentes são sobretudo eficazes a criar peças que imitam a técnica e o género específicos de um autor, criando imagens, textos ou desenhos ao estilo de muitos artistas. O investigador reconhece a mudança que estes sistemas causarão no processo criativo, mas não deixa de sublinhar que as máquinas nunca substituirão os artistas: os programas apenas funcionam como instrumentos que ajudam a criar. Mário Figueiredo diz-nos que, na arte, o que é verdadeiramente valorizado não é a peça por si só, mas o seu significado, recordando os movimentos artísticos conceptuais do século xx: «Quando Marcel Duchamp decidiu virar um urinol ao contrário e designá-lo arte, fez um salto criativo que uma máquina não pode fazer.»

Além disso, Mário Figueiredo recorda-nos que muitas das fotografias tiradas por humanos têm uma relevância histórica: «Na fotografia, sobretudo no fotojornalismo, também se valoriza a história por trás da imagem. Uma fotografia de raparigas afegãs, ou de refugiados a desembarcar na Europa, tem um significado e um valor emocional muito fortes. Mais do que serem fotografias bem tiradas, tecnicamente bem conseguidas, são fotografias com significado histórico que uma máquina nunca produzirá.» Mas como

é que a máquina cria a fotografia, se esta, pela virtude do que é, ontologicamente, consiste num enquadramento de um instante da realidade? André Martins explica: «O sistema não sabe como são tiradas as fotografias, não sabe que se usam máquinas fotográficas e que estas captam algo do mundo real. O sistema trata as fotografias como imagens. Cria uma composição coerente a partir de uma base de dados gigantesca que também contempla imagens fotográficas.» A fotografia e a imagem fotográfica criada a partir de um sistema de IA são por isso criações distintas, pela forma como são geradas, mas não restam dúvidas de que os resultados são semelhantes e muitas vezes indiscerníveis.

A história mais curiosa aconteceu recentemente num concurso de fotografia. O fotógrafo alemão Boris Eldagsen concorreu aos prémios Sony World Photography Awards com uma imagem criada por um sistema de IA. Quando soube que tinha vencido, recusou o prémio, revelando que não se tratava de uma fotografia, mas de uma imagem desenvolvida com a ajuda de IA. Se Eldagsen não tivesse revelado o facto, alguém duvidaria de que se tratava de uma fotografia real? Esta é uma situação que comprova a eficiência destes programas, ao mesmo tempo que percebemos que o resultado é facilmente confundível com uma fotografia verdadeira. Será que os sistemas de IA dificultarão, no futuro, a distinção entre peças produzidas por humanos e máquinas? E, mais preocupante, entre conteúdos verdadeiros e falsos?

Muito se tem especulado sobre as possíveis consequências negativas da utilização destes sistemas. «Os padrões que conseguimos identificar como falsos vão desaparecer», comenta André Martins, «será mais difícil percebermos, de forma superficial, se uma coisa é real ou falsa». Não está, no entanto, pessimista em relação a este problema, e diz-nos que, se hoje já conseguimos mais facilmente identificar um email de *fishing* ou *spam*, também desenvolveremos modos de distinguir de uma forma mais fina o falso do verdadeiro. Acredita que as gerações futuras terão mais espírito crítico e mais ferramentas para detetar o que é falso.

Numa perspetiva menos vantajosa, ou mais pessimista, Mário Figueiredo refere que os sistemas de IA podem beliscar a nossa capacidade para pensar. Diz-nos que no século XIX se valorizava uma pessoa capaz de desenhar bem, sobretudo nas ciências e biologia, mas que tal hoje se tornou irrelevante, dado que as competências necessárias ao desempenho de várias tarefas, muita delas manuais, vão mudando à medida que novas tecnologias surgem. Faz referência a um artigo de André Barata, professor de filosofia da Universidade da Beira Interior, que caracteriza a IA como uma pequena machadada no ego dos seres humanos, na medida em que nos pode retirar a exceção do pensamento, da inteligência e da capacidade de raciocínio. Comenta que é o que sentimos quando uma máquina derrota um campeão de xadrez, ou quando percebemos que escrever um poema já não é um reduto exclusivo dos seres humanos.



Edmond de Belamy,  
retrato produzido pelo coletivo  
Obvious por meio de IA

Se as máquinas estão a equiparar-se ou mesmo a ultrapassar em muitos aspetos as competências humanas, assistiremos ao desaparecimento de algumas profissões? Mário Figueiredo acredita que sim, apesar de pensar que as mais difíceis de substituir são as que requerem um nível elevado de interação humana, como no caso dos enfermeiros, que, mais do que os médicos, dificilmente serão trocados pelas máquinas. No âmbito das profissões que podem vir a decrescer, André Martins dá o exemplo dos radiologistas. Explica que as máquinas conseguem, melhor do que os humanos, encontrar padrões nas imagens. Não têm intuição, baseada em experiência e interação com pacientes, mas são mais eficientes na análise das imagens, ajudando a produzir diagnósticos mais rigorosos. Ainda neste âmbito, Mário Figueiredo dá-nos o exemplo do diagnóstico do cancro da pele: «Para a máquina, nunca é “aborrecido” ver centenas de sinais e é mais difícil que lhe escape um que seja potencialmente cancerígeno.» É por isso previsível que as profissões que vivem do processamento cognitivo de informação perceptual, ou seja, que precisem de usar conhecimento para tomar decisões com base na perceção, sejam mais facilmente substituídas por estes sistemas.

No panorama científico, a IA tem-se revelado cada vez mais útil. Não existe nenhuma área na ciência que use dados em que estes sistemas não sejam proficientes, sobretudo quando é neces-

«Quando Marcel Duchamp decidiu virar um urinol ao contrário e designá-lo arte, fez um salto criativo que uma máquina não pode fazer.»

Mário Figueiredo

sário analisar de uma forma sofisticada. Os sistemas de IA podem facilmente e de modo mais eficaz traduzir documentos antigos, restaurar imagens, analisar partituras com notação antiga e convertê-la para notação moderna, entre tantas outras tarefas morosas e repetitivas. Por outro lado, a IA tem também um enorme potencial para acelerar descobertas científicas, como nos diz André Martins: «Ajuda a produzir ciência. Não vai substituir os cientistas, mas é um instrumento que os vai ajudar a desenvolver as suas investigações.» No seguimento deste pensamento, Mário Figueiredo conclui: «As máquinas podem até propor equações matemáticas para tentar explicar certos fenómenos. Depois, os humanos têm de olhar para o que a máquina “propõe” e ver se faz sentido, mas poupa imenso trabalho ao cientista porque lança uma quantidade de hipóteses, todas elas razoavelmente boas explicações para aquele fenómeno. Não há áreas científicas, mesmo nas humanidades, em que os sistemas de IA não sejam úteis.»

Para escrevermos este texto não usámos nenhum sistema de IA, nem qualquer interação com o ChatGPT. Talvez o futuro nos reserve outras formas e meios de produzir a Revista ULisboa, mas, por enquanto, persistimos em falar com as pessoas, colocando perguntas e hipóteses que se vão desenvolvendo nas nossas mentes, ainda que cada vez mais embrenhadas nos sistemas artificiais de inteligência. ♦



António M. Feijó foi professor da Faculdade de Letras, vice-reitor e pró-reitor da Universidade de Lisboa e o primeiro diretor da Imprensa da Universidade de Lisboa. A atribuição do título de Professor Emérito foi um dos pretextos para esta conversa, em que lhe perguntámos (quase) tudo o que sempre quisemos saber.

Fotografias © José Bértolo

# ANTÓNIO M. FEIJÓ

**U**LISBOA Nasceu e cresceu em Viana do Castelo. Que recordações guarda da sua juventude?

**ANTÓNIO M. FEIJÓ** A minha vida em Viana era muito intensa a todos os títulos. As circunstâncias do lugar ajudavam: é uma pequena cidade entre um rio e uma montanha, em frente ao mar. Havia uma espécie de confraria de adolescentes com a mesma idade, uma comunidade independente, com muitos interesses em comum. Ouvíamos a *Radio Caroline* à noite, recebíamos discos de fora. Por razões particulares, eu e o meu irmão desde crianças víamos cinema semanalmente. Vi recentemente *Os Fabelmans*, e a certa altura é referido um filme que Spielberg mostra ter sido instrumental na sua carreira, *O Homem que Matou Liberty Valance*, de John Ford; era um dos meus filmes favoritos aos 15 anos. Quando cheguei a Lisboa, não houve nada, entre as pessoas que conheci, que me surpreendesse muito. O que havia era um meio mais saturado, a diferença era de grau, não de espécie. Por vezes, ouço, em Lisboa, falar-se sobre «a província» com um certo desdém, uma certa comiseração. E rio-me sempre, porque, se partirmos de uma definição de provincianismo que não seja a da localização geográfica, mas de um certo estado mental, como Fernando Pessoa descreveu, acho que encontrei mais exemplos de provincianismo em Lisboa do que na província.



**ULISBOA** Quando veio para Lisboa, foi inicialmente para Direito. Porquê Direito, e porquê, depois, Literatura?

**AMF** Estive dois anos em Direito, não porque tivesse alguma aptidão ou vocação particular, mas porque, na altura, quem não fosse para uma ciência específica, ia para Direito. Na percepção pública, Letras era uma espécie de lavoura. Havia também quem escolhesse Direito pensando numa profissão; eu nunca fui guiado por uma ideia de profissão. Por uma incapacidade minha, não era capaz de ver as coisas a prazo, era consumido pelo que estava a fazer no momento. Se pensava em carreira, era de um modo vagamente inquietante. Hoje, acho o Direito uma das mais refinadas construções intelectuais alguma vez elaboradas. No entanto, havia, no modo como era ensinado, naquela Faculdade, um autoritarismo endémi-

co. Era para mim difícil existir nesse meio. Fui para Letras por duas razões de segunda ordem: não sabia que outra coisa poderia fazer senão estudar; e precisava do adiamento do serviço militar, porque tínhamos uma Guerra Colonial. A razão de primeira ordem era a possibilidade de estar num sítio que me permitisse ler.

**ULISBOA** Fez o mestrado e o doutoramento nos Estados Unidos. Como foi a sua experiência americana?

**AMF** Conheci os EUA como aluno de liceu, num subúrbio de Washington DC, numa altura em que a oposição interna à Guerra do Vietname se fazia de forma virulenta. Depois de Direito e de Letras, voltei para os EUA com uma bolsa *Fullbright*, e fiz o mestrado na Universidade do Estado de Nova Iorque em Albany. Há uma coisa que não me canso de repetir sobre os EUA. Muitas pessoas que não

«Fui para Letras por duas razões de segunda ordem: não sabia que outra coisa poderia fazer senão estudar; e precisava do adiamento do serviço militar, porque tínhamos uma Guerra Colonial. A razão de primeira ordem era a possibilidade de estar num sítio que me permitisse ler.»

conhecem o país falam dele como se fosse um objeto com uma identidade relativamente inerte. Há uma presunção portuguesa, e europeia, de que se conhece os EUA, quando o que se conhece é a pequeníssima parte da cultura norte-americana exportada, sob a forma de filmes, séries, etc., e um conjunto de preconceitos sedimentados. Durante décadas, uma certa intelectualidade europeia, em particular francesa, coloriu uma imagem dos EUA de um modo muito preciso, que deixou sedimento. Dou um exemplo. A peça de Arthur Miller, *The Crucible (As Bruxas de Salem)*, era um modo de impugnar a política do senador McCarthy e a chamada «caça às bruxas». A peça teve um êxito extraordinário na Europa, porque punha em exposição o processo, na Nova Inglaterra puritana, de mulheres acusadas de serem bruxas; e isso seria indicativo de uma patologia norte-americana. Ora, o episódio das bruxas de Salem foi relativamente contido; ao pé da história da Inquisição em Portugal, que teve uma violência muito mais expressiva, é quase uma brincadeira de crianças. Mas, enquanto a história da Inquisição em Portugal não define o que somos hoje, o caso das bruxas de Salem era tido como sintomático da identidade profunda dos EUA. Tal disparidade de critério tinha que ver com a Guerra Fria, com uma intelectualidade antiamericana e a divisão em blocos. Isso fazia, por exemplo, nos anos 60, que Walt Disney fosse considerado em Portugal uma perversão imperialista. Nos anos 60, os EUA dissolveram uma forma de *apartheid* no Sul do país. O Martin Luther King é decerto um dos maiores americanos do século xx; quando se fala dele, diz-se que destruiu uma construção violenta e opressiva nos EUA, mas nunca se diz que é americano.

**ULISBOA** Tem lido e estudado autores do modernismo europeu, como Fernando Pessoa e Wyndham Lewis. Teixeira de Pascoaes é aqui uma carta fora do baralho?

**AMF** Sim e não. Vou explicar porquê. Pascoaes tem uma série de posições que, de um ponto de vista normativo cristão, são altamente heréticas. É um marcionita. O marcionismo de Pascoaes consiste em entender que o Deus do Velho Testamento é

uma figura repulsiva, e o herói da relação é o filho. Além disso, Pascoaes é maniqueu, ou seja, considera que existe no mundo uma dualidade constitutiva inicial. É muito bizarro que alguém em Amarante, sozinho, tenha congeminado uma coisa destas. Comecei por ler as cinco biografias de Pascoaes, e percebi que há nelas um sistema muito preciso, e uma prosa de uma frescura, de uma audácia incedíveis. Isso interessou-me. A dada altura, ao ler esta dialética da superação entre pai e filho, bem como uma série de corolários seus, tornou-se claro para mim que, entre 1934 [ano em que sai a biografia de S. Paulo] e 1945 [ano em que sai a biografia de Santo Agostinho], o sistema descrito por Pascoaes prefigura, precede e excede em brilho toda a teoria de Harold Bloom. Ou seja, tudo o que Bloom diz está em Pascoaes, mas em melhor. Claro que Bloom tem um lado polimático: fala de Freud e da psicanálise, dos gnósticos. Pascoaes é justamente um gnóstico no estado mais puro. Isso levanta o problema da identidade entre estas duas construções. O que é que a explica? Pascoaes faz em Portugal o que a geração de Bloom faz nos anos 40, 50, 60 do século xx. O que esses críticos teorizam sobre o Romantismo, numa reabilitação contra um ataque demolidor que a geração de T. S. Eliot fizera, encontra-se em Pascoaes. Estou sozinho nesta apreciação? Não. Por exemplo, para Cesariny, para Agustina, para O'Neill, Pascoaes é a figura maior do século xx.

**ULISBOA** Alguma vez idealizou um projeto criativo e editorial como a *Orpheu* ou a *Blast*?

**AMF** A minha ideia do que era alguma coisa de criativamente conseguido foi, desde sempre, muito alta. Há coisas que admiro profundamente. Quem tem um impulso criativo, encontrando-se perante um objeto que lhe suscita admiração, pode decidir querer criar a sua versão disso, ou, em casos mais hiperbólicos, excedê-lo. Perante algo que admirava, eu dizia: «Aquilo é extraordinário, já está feito.» Lembro-me de que, aos 15 ou 16 anos, encontrei em casa dos meus pais uma tradução portuguesa do conto

## «Admiro as instituições enquanto a maior defesa que temos contra a barbárie.»

«The Dead», de James Joyce. Li-o e pensei que era extraordinário. Começa com a chegada daquelas pessoas para uma festa de família, com os guarda-chuvas, os sobretudos, aquele estardalhaço nas escadas: para mim, era a grandeza do conto. Eu conhecia aquilo, a minha família era assim. Mas alguém já lhe dera expressão.

**ULISBOA** Tem dito que, como leitor profissional, só escreve sobre o que quer escrever. Porque é que quis escrever sobre Saramago?

**AMF** Quando decidi escrever sobre Saramago, para o livro *O Cânone*, tinha lido *O ano da morte de Ricardo Reis*. Havia nesse romance um lado joyceano de «The Dead», de um mundo provinciano e mediano, com um certo bafo, que achei interessante. Encontrei também um procedimento descritivo que me intrigou, e que descrevi como «falsamente estúpido». Ele escreve qualquer coisa como «o barco vai entrar na barra, o fumo vai na direção norte-nordeste, e é natural que o fumo vá nesta direção, porque o vento é de sul-sudoeste». E começa a explicar qual seria a direção do fumo se a direção do vento fosse diferente, etc. Primeiro, está a fazer aquilo que em francês se chama «*faire le gris*», está a criar texto. Mas depois cria texto de um modo que é «estúpido». Claramente este homem é inteligentíssimo. É um processo deliberado. Para tentar perceber melhor, fui ler a obra toda. Cheguei a várias conclusões. É decerto um autor maior, com romances absolutamente admiráveis. Portanto, fazia todo o sentido escrever sobre ele.

**ULISBOA** Por que razão usa Saramago esse mecanismo?

**AMF** Aquela voz é a do autor, uma espécie de pequena comunidade com o leitor, como se ele se estivesse a rir com o leitor, a ser irónico. Ao mesmo tempo, cria uma distância relativamente ao que está a ser descrito. O que o une ao leitor é a opinião. Sorri com o leitor em relação a uma descrição que ambos percebem que é levemente absurda. É um pequeno jogo face a uma realidade que, para Saramago, é agora mais misteriosa porque o Marxismo já não tem a virtude explicativa que ele antes presumia que tivesse.

**ULISBOA** É o que lhe permite continuar enquanto romancista maior, passando para o domínio da alegoria?

**AMF** Exato. Tornou-se uma coisa alegórica, mas uma alegoria

que não é facilmente radicável, porque não se sabe bem o que está a ser alegorizado. É muito interessante e destaca-se. O próprio mundo ficcional é o mundo todo.

**ULISBOA** Traduziu diferentes géneros: poesia, ensaio, drama.

**AMF** Todas as traduções que fiz foram por encomenda. A primeira foi *Hamlet*, para uma produção do Teatro Nacional de São João, a convite do Ricardo Pais. Depois, foram surgindo outras. Não procurei ativamente fazê-lo, mas as oportunidades foram aparecendo. Ao aceitar, abro um filão. E depois decido se quero alimentá-lo ou não. Traduzi *Hamlet*, *Twelfth Night* e, mais recentemente, *King Lear*, mas, mesmo antes de traduzir *King Lear*, pensava que não seria má ideia traduzir as quatro grandes tragédias de Shakespeare.

**ULISBOA** Escreveu, com Miguel Tamen, o livro *A Universidade como deve ser*. A ideia-base do livro é a de que um universitário não se deve preocupar com o que fazer profissionalmente?

**AMF** Eu não diria «deve não preocupar-se», porque aí estaríamos a prescrever uma conduta, mas acho que não deve ter de se preocupar. Isto é, o estudante deve poder ser livre de não se preocupar. Deve poder ter esse pequeno intervalo de ócio apelativo, em que se pode dedicar a um certo tipo de atividade e de inquietação que uma vida produtiva lhe irá retirar. Isso será decisivo para a sua constituição como pessoa.

**ULISBOA** Depois a desilusão não vai ser tremenda?

**AMF** Os profissionais de hoje não decorrem necessariamente daquilo que fizeram. Antes, as pessoas acabavam Direito ou Engenharia e tinham imediatamente emprego. Era uma minoria que frequentava as universidades, e o quantitativo dessa minoria era necessário para ocupar as profissões e a administração pública.

**ULISBOA** Mas não é a ideia de universidade que tem.

**AMF** Não. Com a democratização do ensino e com a alteração do sistema económico, isto transformou-se. Em Portugal fala-se sempre só em empregabilidade, julgando que se está a ser realista. É uma forma de brutalidade que transforma a vida naquilo que é o discurso público nos meios de informação. O discurso é só sobre a

«O estudante não deve ter de se preocupar com o que fazer profissionalmente. Deve poder ter esse pequeno intervalo de ócio apelativo, em que se pode dedicar a um certo tipo de atividade e de inquietação que uma vida produtiva lhe irá retirar. Isso será decisivo para a sua constituição como pessoa.»

dignificação de carreiras, rendimentos, e mais nada. Não há uma palavra sobre os alunos. Não há uma palavra sobre o ensino. Naturalmente, a situação dos docentes é algo que tem de ser tratado pelos docentes e pelos sindicatos, ninguém questiona isso. Mas pensar que esta pequena parte da discussão é a totalidade da discussão é um salto que nos faz pensar que há aqui um défice civilizacional.

**ULISBOA** A ideia de contentamento intelectual também é importante?

**AMF** A ideia de que as pessoas podem tirar um curso pelo contentamento intelectual pode dar azo a que se ache que há cursos para intelectuais. Mas não. O contentamento intelectual é um estado em que alguém se pode encontrar quando está a estudar contabilidade. É tudo redutível a um ponto aristotélico muito simples: «Ninguém gosta de ver um cadáver, mas toda a gente fica a olhar com muita atenção para um desenho meticuloso de um cadáver.» Porquê? Porque toda a gente gosta de aprender. Aprender é um impulso universal. Isto é um repto aos sistemas de ensino, que têm de ser capazes de responder a uma aptidão universal. Se um estudante fica desencantado, o problema não é dele, o problema é de quem cria o desencanto, do professor, que não conseguiu responder ao interesse e à vontade de aprender do estudante.

**ULISBOA** Tem dito que prefere ensinar alunos de licenciatura. É por essa razão?

**AMF** E também por outra. Há uma descrição muito interessante de Claude Lévi-Strauss, nos *Tristes Trópicos*, em que ele explica porque é que deixou a filosofia. Diz que, sendo professor de filosofia, percebeu que estaria a repetir durante toda a carreira muito do que dizia em cada curso. E ele preferia que os cursos fossem sempre diferentes. Além disso, dizia que não tinha conhecimento prévio, que sempre que ia ensinar alguma coisa teria de aprender tudo outra vez. O ensino na licenciatura é de certa forma o que Lévi-Strauss descreve: o professor está a atravessar novamente um território que já percorreu. Quando um aluno me dizia que não percebia, eu ficava contente, porque forçava-me a repetir de outro modo. Era um desafio.

**ULISBOA** Nunca quis pertencer a um centro de investigação. Porquê?

**AMF** Os centros de investigação, tal como estão construídos em Portugal, têm uma estrutura administrativa pesada, que lida com a entidade financiadora, e que tem de ser suportada pelos próprios investigadores. Vamos imaginar que estou a investigar Fernando Pessoa. Porque é que hei de perder tempo a pensar em contabilidade? É um mau uso do tempo, numa atividade que me distrai da minha atividade principal. Depois, há alguns centros de investigação que publicam as suas próprias obras... Ou seja, a entidade que decide publicar é o próprio. Muito deste papel vai ser empastelado mais tarde, não serve para nada.

**ULISBOA** A Gulbenkian tem sido presidida sobretudo por juristas e economistas, e tem agora um presidente com formação humanista. Vê nisso uma prova das virtudes do estudo das Humanidades?

**AMF** Não. Essa distinção foi criada pela comunicação social, e não acho que faça sentido. O tipo de preocupações de natureza cultural e social que encontro em alguns dos antigos presidentes da Fundação Calouste Gulbenkian em nada difere das preocupações que eu tenho. Por outro lado, o meu interesse pela gestão financeira do património da Fundação é tão intenso como o meu interesse pela cultura, por exemplo. Leio muito sobre economia, direito, história, filosofia.

**ULISBOA** O que lhe diz a atribuição do título de Professor Emérito da Universidade de Lisboa?

**AMF** Nunca dei atenção às descrições funcionais do que somos. Não percebo a razão de alguém sentir orgulho em ser professor catedrático. Não entendo a excitação. Tal como ser doutor. Ser doutorado não interessa por si só, interessa sim o doutoramento que a pessoa fez. Há, no entanto, um lado institucional no caso do Professor Emérito. E eu gosto de instituições. Portanto, desse ponto de vista, há um lado positivo, porque admiro as instituições enquanto a maior defesa que temos contra a barbárie. ♦

# ULisboa Alumni

A Associação de Antigos Alunos da ULisboa – ULisboa Alumni – nasceu em 2016. É, desde junho de 2022, presidida por Maria Amélia Martins-Loução, professora aposentada da Faculdade de Ciências, com quem falámos para conhecer melhor as características e os objetivos desta associação. Ouvimos também dois estudantes da ULisboa que contam com o apoio das Bolsas Alumni Solidário para concluir a licenciatura.

---

Fotografias

© Ana Luísa Valdeira



Maria Amélia Martins-Loução

Nunca esquecemos o sítio onde estudámos, a nossa *alma mater*, a instituição que nos acolheu e deu alimento intelectual, onde muitas vezes fizemos amigos para a vida, e à qual sentimos pertencer. Porque os antigos alunos são parte de uma universidade, nasceu em 2016 a ULisboa Alumni – Associação de Antigos Alunos da Universidade de Lisboa. Presidida atualmente por Maria Amélia Martins-Loução, tem como vice-presidentes Ana Byrne e Raul Bruno de Sousa, antigo provedor do estudante; como tesoureira, Maria Manuel Torres; como secretário, João Ferrão; como vogais, Maria Guilhermina Moitinho de Almeida e Rui Cabrita Matias.

É propósito desta associação estabelecer uma rede entre a Universidade e os seus antigos alunos, criando e mantendo parcerias, procurando comportar-se como «um braço amigo da própria instituição», nas palavras da presidente. Como o faz? Organizando, por exemplo, atividades de partilha de saberes em jantares, concertos ou pequenas visitas. Foi o caso do jantar que decorreu no passado dia 30 de maio, na Cantina Velha, um lugar emblemático para muitos estudantes, que se uniu a um debate sobre o tema «Habitar a Lisboa do Futuro». Moderado por José Vítor Malheiros, teve a participação das arquitetas Helena Roseta e Teresa Marat-Mendes, duas *alumnae* da ULisboa.

Qualquer aluno, antigo ou atual, de uma das Escolas da ULisboa pode fazer parte da ULisboa Alumni, mediante o pagamento de uma quota anual no valor de 20 €. Entre os benefícios de pertencer à associação estão a possibilidade de contribuir para o apoio solidário a estudantes da ULisboa; a participação em atividades culturais; o usufruto de descontos em atividades de lazer realizadas na ULisboa, como no Estádio Universitário ou em jardins e espaços museológicos da Universidade. A associação pretende, assim,

ajudar a criar um espírito de corpo dentro da ULisboa, cultivando uma relação de proximidade entre os membros da comunidade académica.

Apesar de todas as vantagens de pertencer a esta associação, a presidente revela-nos que tem havido alguma dificuldade em conseguir fidelização, especialmente depois da pandemia: «É difícil manter os membros vinculados a pagar uma quota, mesmo que seja de apenas 20 € por ano. Dos cerca de 1200 inscritos, cerca de 10 % paga.» Para Maria Amélia Martins-Loução, a ULisboa Alumni deve procurar dirigir-se sobretudo aos antigos alunos que acabaram os seus estudos há pouco tempo, «jovens adultos que têm provavelmente mais entusiasmo em entrar numa associação como esta do que antigos alunos com mais idade». Uma das medidas que a nova direção tomou foi criar um código de barras para o cartão ULisboa Alumni, agora digital, o que permite, com um telemóvel, aceder a todas as iniciativas e atividades.

Um dos objetivos maiores da associação é sem dúvida o apoio a estudantes da ULisboa, mediante as Bolsas Alumni Solidário. Como nos explicou Maria Amélia Martins-Loução, «pretendemos obter financiamento que permita apoiar os alunos mais necessitados da ULisboa, mas com algum aspeto de meritocracia; ou seja, os alunos têm de ter bom aproveitamento no ciclo de estudos – no mínimo, 16 valores – e, por outro lado, têm de comprovar que têm dificuldades económicas». E acrescentou: «Tem-me surpreendido que muitos dos nossos bolseiros sejam já bolseiros dos Serviços de Ação Social da ULisboa.» A bolsa consiste numa prestação única, de 700 €, valor que permite ajudar os estudantes do 1.º ciclo (licenciatura) a suportar os encargos do curso frequentado. Das três bolsas atribuídas em 2022, duas provêm do próprio financiamento da associação (o pagamento das quotas pelos mem-

**Qualquer aluno, antigo ou atual, de uma das Escolas da ULisboa pode fazer parte da ULisboa Alumni. A associação pretende ajudar a criar um espírito de corpo dentro da Universidade, cultivando uma relação de proximidade entre os membros da comunidade académica.**

**ALUMNI**  
ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS ALUNOS  
UNIVERSIDADE DE LISBOA



**Um dos objetivos maiores da associação é sem dúvida o apoio a estudantes da ULisboa, mediante as Bolsas Alumni Solidário, um programa que abrange estudantes do 1.º ciclo da ULisboa com dificuldades económicas que demonstrem mérito no seu aproveitamento escolar.**

Ângela Oliveira e Tomás Saraiva

bros); uma terceira bolsa foi conseguida com dinheiro angariado no concerto de Natal na Aula Magna, considerado quase uma marca, do ponto de vista cultural, da associação.

Para se perceber o impacto real que pode ter uma rede como a ULisboa Alumni, fomos conversar com dois alunos recipientes de bolsas solidárias: Ângela Oliveira e Tomás Saraiva, ambos a frequentar o 3.º ano das suas licenciaturas, Desenho na Faculdade de Belas-Artes e Bioquímica na Faculdade de Ciências. São bolseiros dos Serviços de Ação Social da ULisboa e souberam destas bolsas solidárias pelo *website* da ULisboa e pelo e-mail institucional; concorreram e conseguiram o apoio graças ao aproveitamento escolar excecional. São ambos

ótimos alunos, empenhados no seu percurso académico e com um gosto muito particular pelos cursos que escolheram.

Ângela Oliveira não começou a licenciatura logo após o secundário. Conta-nos que teve alguns problemas familiares que a levaram a trabalhar. Trabalhou primeiro num supermercado e o último emprego que teve foi como comissária de bordo. Depois do secundário, trabalhou cerca de cinco anos, dois deles em Berlim, na Ryanair. Não se sentia realizada e o desenho era das poucas ocupações que lhe davam motivação. Decidiu então voltar a casa, a Portugal, e tentar realizar o seu sonho. Hoje tem 30 anos e está quase a terminar a licenciatura em Desenho, algo que sempre quis fazer. Publicou uma zine, na cadeira de Banda Desenhada, e tem dado aulas de

Português para estrangeiros e de Desenho e Artes Plásticas a crianças entre os 5 e os 8 anos.

Tomás Saraiva ingressou na Universidade de Lisboa, no curso de Bioquímica da Faculdade de Ciências, imediatamente depois de ter terminado o secundário. Conta-nos que sempre se interessou pelas ciências e que desde cedo soube que era algo que queria continuar a fazer, porque estava interessado em perceber os processos biológicos. Hoje tem 20 anos e também está a terminar a licenciatura. Além de ser bolseiro dos Serviços de Ação Social da ULisboa e de agora ter conseguido a bolsa solidária da ULisboa Alumni, é ainda bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do programa Bolsa Gulbenkian Mais, que apoia jovens com as melhores notas e menos recursos financeiros, promovendo competências como a inteligência emocional e a capacidade de liderança mediante uma formação desenvolvida e testada na Google.

Apesar de não ter tido muitas dúvidas quanto ao curso que queria seguir, Tomás Saraiva comenta que o sistema de ensino está formatado para os jovens saírem do ensino secundário e escolherem logo o que querem ser. Pensa, no entanto, que os jovens podiam e deviam ter mais liberdade e tempo para pensar. Não julga má a ideia de que os jovens possam parar pelo menos um ano para pensar no seu futuro. Ângela Oliveira concorda. Acha que, quando os jovens saem do secundário, ainda se estão a descobrir, e «decidir logo o que se quer ser é uma responsabilidade muito grande».

Quando questionados sobre o seu mérito académico, ambos sublinham que parte desse êxito está muito ligado ao facto de gostarem bastante do que estão a estudar. Ainda assim, Ângela Oliveira confessa-nos que, por vezes, pensava que existiam pessoas melhores do que ela na sua área de estudo, o que a levava a pôr em causa o seu valor: «Será que estou a tirar lugar a alguém? Então, vou dar o

melhor de mim para não sentir que alguém podia estar a ocupar a minha vaga. Já que estou aqui, vou dar o máximo. Não dá para desperdiçar a oportunidade. Vejo alunos sem vontade ou que estão a tirar os cursos por obrigação e acabam por não aproveitar. Há quem entre na faculdade também por pressão dos pais. Ter entrado mais tarde fez-me perceber melhor esse aspeto.»

Quanto ao futuro, ambos têm já uma ideia bem delineada. Tomás Saraiva explica que se vai afastar um pouco das ciências: «Apercebi-me de que a carreira científica nas ciências é altruísta. No entanto, não é fazer ciência o que quero, o que quero é conhecer mais, conhecer pessoas e ter contacto com diferentes perspetivas. Candidatei-me a um mestrado na área da gestão no ISCTE. Talvez me envolva numa carreira a gerir algo ligado à indústria farmacêutica ou até mesmo à bioquímica ou aos plásticos, algo sustentável.» Já Ângela Oliveira pensa seguir o ramo de ensino no mestrado. Diz que gosta muito de ensinar e que se vê como professora. Comenta que gostava que o sistema educativo explorasse mais a criatividade, tanto das crianças como dos adultos: «Quero muito implementar esta vertente no meu método de ensino, tirar os alunos da zona de conforto e pô-los a explorar.» Só podemos esperar que o futuro seja risonho para estes dois alunos. Qualidade e empenho não faltam, e as bolsas solidárias da ULisboa Alumni ajudarão decerto a contribuir para que o melhor caminho se concretize. ♦

Para ser sócio, basta aceder ao seguinte link:  
<https://e.3cket.com/socios-alumni>

Para mais informações:  
<https://www.ulisboa.pt/alumni>

**«Será que estou a tirar lugar a alguém? Então, vou dar o melhor de mim para não sentir que alguém podia estar a ocupar a minha vaga. Já que estou aqui, vou dar o máximo. Não dá para desperdiçar a oportunidade.»**

Ângela Oliveira



© Ana Lúcia Veldera

# Rita Santos e Vladyslava Kaplina

Cruzam-se no campo do direito e no campo de ténis. Rita Santos é aluna e Vladyslava Kaplina – Vlada, como prefere ser chamada – professora na Faculdade de Direito de Lisboa. Nos campos de ténis do Rackets Pro EUL, no Estádio Universitário, trocam de posições: é Rita a professora e Vlada a aluna. Falámos com elas sobre estas duas facetas que preenchem as suas vidas.

«Sempre fui justiceira, defensora do elo mais fraco. Não havia nada que gostasse mais de fazer, por isso escolhi direito.»

Rita Santos

**U LISBOA** As duas partilham dois interesses: o direito e o ténis. Como surgiram ambos nas vossas vidas?

**VLADYSLAVA KAPLINA** A vontade de jogar ténis e a de estudar direito nasceram ao mesmo tempo, aos 3-4 anos de idade. Os meus pais, os meus primos, todos os amigos da família são juristas. Nunca duvidei do que queria fazer na vida. Os meus pais tentaram convencer-me a mudar para medicina, porque não temos médicos na família, ou para engenharia, porque tinha jeito para desenhar. Disse a tudo que não. [Risos] Jogar ténis foi ideia da minha mãe. Ela achava que era um desporto bonito em si mesmo. A história do ténis foi sempre a das classes mais altas da sociedade: nem todos conseguiram pagar para praticar o desporto, mas sobretudo nem todos conseguiram ter acesso a ele. Ela queria muito que alguém da família conseguisse. Sou de Carcóvia, na Ucrânia, e há campos de ténis muito perto da minha casa. Os meus pais levaram-me lá quando tinha 4 anos. Até certa altura joguei 12 horas por semana, 2 horas por dia, com um dia de folga. Joguei torneios da Federação Internacional de Ténis e torneios nacionais, mas os estudos estavam sempre em primeiro lugar. Reduzi para metade o número de horas que jogava por semana para estudar mais e entrar na faculdade com boas notas. Joguei numa equipa da faculdade, ganhámos alguns regionais. Quando me mudei para Portugal, tive vontade de voltar a jogar. Pedi aos meus pais que me enviassem as raquetes e juntei-me ao clube em outubro de 2021.

**ULISBOA** Há uma ligação sentimental a essas raquetes?

**VK** Tenho duas iguais, com 8 anos. Numa delas, as cordas têm 7 anos. Fiz as cordas quando joguei na Turquia e fiquei com pena quando se partiram numa das raquetes. Mas ainda ficaram na outra e tenho medo de jogar com ela. Não as quero partir, por causa das boas memórias.

**ULISBOA** Rita, também vem de uma família de juristas?

**RITA SANTOS** Não. Vim para direito no seguimento do ténis. Jogo desde os 8 anos. Jogava em Mafra, no Parque Desportivo Municipal, 3 horas por dia durante a semana e 4 ao sábado, em níveis completamente diferentes. Quando quis jogar mais a sério, fazia todos os horários, com os mais pequenos, os maiores, e os mais velhos. Ajudou-me muito a jogar melhor. Aí começou a paixão. O meu primeiro torneio como federada foi no Clube de Ténis para Todos, da Associação de Ténis de Lisboa. Fui n.º 8 nacional em sub-14; fui 14.ª ou 16.ª aos 16 anos, mas nessa altura estava no ensino secundário. Na escola, nas situações em que alguém se mostrava mais agressivo, eu era aquela que defendia sempre o atacado. Era a justiceira, defensora do elo mais fraco, por isso escolhi direito. Aos 14-15 anos, vim treinar para Lisboa. Saía da escola às 18h30, vinha a correr para Lisboa, chegava a casa à meia-noite. Era difícil conciliar tudo. O ténis começou a correr menos bem e foquei-me na escola, porque o meu futuro não ia ser o ténis. Custou-me, mas afastei-me totalmente, parei de jogar. Voltei há 3 anos e o ano passado começou a minha experiência aqui neste clube.

**ULISBOA** Aos 8 anos, o que a fez escolher o ténis como desporto?

**RS** De todos os desportos que eu fazia, o ténis era o mais interessante. E tenho uma característica que pode ser positiva e negativa: sou individualista. O ténis é bom para isso, ajuda-nos a crescer. Lidamos com o bom sozinhos, mas também lidamos sozinhos com as frustrações, não temos ninguém que nos segure. Dentro do campo somos só nós.

**ULISBOA** Vlada, que disciplinas ensina e quais as suas áreas de interesse no direito?

**VK** No semestre passado leccionei Direito Internacional Público e, este semestre, Proteção Internacional da Pessoa Humana. São as minhas áreas preferidas do direito. Estou agora a terminar a dissertação de mestrado, sobre Direitos Fundamentais.

**ULISBOA** Colabora com o Business & Human Rights Resource Centre. Que tipo de trabalho lá realiza?

**VK** Candidatei-me a um estágio nessa organização não-governamental, com sede em Londres, fiz a entrevista e entrei, em novembro de 2021. Temos equipas pelo mundo, e a minha é responsável pela zona da Europa de Leste e Ásia Central. A minha moderadora é ucraniana, de Kiev. A nossa tarefa principal é controlar de que modo as empresas violam ou garantem os direitos humanos, não apenas em relação aos empregados mas também aos consumidores, à sociedade em geral. Quando começou a guerra na Ucrânia, inquirimos 400 empresas transnacionais acerca das medidas que tomaram como resposta à guerra, de modo a não contribuírem para uma maior violação dos direitos humanos. Publicámos a análise das respostas que recebemos e, infelizmente, os resultados não são bons. Neste momento, estamos a



Vlada Kaplina © Acervo pessoal



Rita Santos © Acervo pessoal

**«A minha mãe disse-me sempre: “Na nossa família, ninguém ganhou dinheiro como desportista, nem como modelo, só com a cabeça.”»**

Vladyslava Kaplina

**«Quando jogamos com alguém que joga melhor, jogamos melhor. E quando jogamos com alguém que joga pior, jogamos pior, falhamos sempre mais.»**

Vladyslava Kaplina

observar o Uzbesquistão, uma vez que Samarcanda foi declarada a capital mundial do turismo, para analisar as possíveis violações dos direitos dos visitantes por parte das empresas. Os investimentos da China na Ásia Central também estão a ser observados. A China comete várias violações dos direitos humanos e do direito do ambiente, sobretudo com as estações hidroelétricas. Entretanto, passei de estagiária a investigadora assistente.

**ULISBOA** Falou na guerra. Como tem acompanhado o que o seu país vive?

**VK** Tenho a minha família lá. Não vejo os meus pais há 402 dias. É difícil, emocionalmente, sobretudo porque não tenho irmãos. Estou aqui sozinha. Para eles, é um grande alívio eu estar cá; mas, para mim, não há alívio, porque eles estão lá. Sei que estão bem, falo com eles, vejo-os em chamadas de vídeo, mas não sei quando poderei estar fisicamente com eles. Isso é o mais difícil, psicologicamente. O meu pai não pode sair do país, porque tem menos de 60 anos; a minha mãe pode, mas logisticamente é difícil, Carcóvia fica a mil quilómetros da

fronteira com a Polónia. Talvez os vá visitar no verão. Se a minha mãe não vier, eu vou lá.

**ULISBOA** Rita, já sabe em que área do direito pretende especializar-se, o que quer fazer depois de terminar o curso?

**RS** Essa é a pergunta mais terrível que me podem fazer. Não faço ideia. Estou no 3.º ano. Gosto muito do curso. Tenho tido alguns contratemplos, o que por vezes me faz duvidar se estou no sítio certo, mas acabo por encontrar força para continuar. Acho que só conseguirei saber a área em que me quero focar depois de passar por todas. Gostarmos ou não de uma cadeira depende muito da pessoa que nos expõe a matéria. Estou a repetir uma cadeira este ano, Direito Administrativo, que detestava e que agora é a minha preferida.

**ULISBOA** No seu lado de justiceira, não se vê como advogada?

**RS** Sim e não. Se trabalharmos para o Estado, não podemos recusar casos. Não sei até que ponto quero ir contra os meus ideais para defender uma pessoa. Sou muito fiel aos meus princípios, mas quando queremos fazer diferença no mundo, não

podemos só pensar em nós, e sim no que é melhor para todos.

**ULISBOA** A Rita é trabalhadora-estudante. Estudar e trabalhar ao mesmo tempo é uma necessidade, uma forma de juntar o útil ao agradável ou ambas? E como tem conseguido conciliar ambas?

**RS** Na pandemia, senti que precisava de sair de casa e fazer desporto. Quando parei o ténis, não fiz desporto durante 4 anos. Sempre fui hiperativa, sinto necessidade de ter muitas coisas para fazer, caso contrário, não me sinto preenchida. Então voltei ao ténis e vim ter aulas aqui. Falei com o meu treinador, disse-lhe que gostava de tirar o curso de treinadora e foi aí que tudo surgiu. Acho que foi sorte, não uma necessidade, porque não estava à procura, aconteceu. Conciliar o trabalho de treinadora com os estudos é difícil. Direito é um curso muito exigente. Tira-nos um pouco de vida social porque o estudo é contínuo. Treinar é também um escape. Levo o que faço muito a sério e tento ser o mais competente possível, dando o meu melhor, mas acaba também por ser uma lufada de ar fresco. Achava que não teria tanto jeito para lidar com crianças, mas percebi que não é verdade. Adoro dar treinos a crianças e acho incrível o elo de ligação e a felicidade delas. Não há nada mais gratificante.

**ULISBOA** A Rita treina crianças e adultos. Existe uma abordagem diferente de acordo com a idade e a experiência?

**RS** Tem tudo a ver com pedagogia e psicologia. A abordagem com as crianças é necessariamente diferente. Elas vêm para aprender, mas é uma atividade que tem de ser lúdica. Temos de ensiná-las, mas elas têm de sair daqui felizes. A ideia é que gostem do que estão a fazer, que gostem do ténis.

**ULISBOA** As duas nunca pensaram em praticar ténis de modo profissional?

**VK** A minha mãe disse-me sempre: «Na nossa família, ninguém ganhou dinheiro como desportista, nem como modelo, só com a cabeça.» Por isso, não, nunca considerei.

**RS** Para uma jogadora de ténis ser profissional tem de começar a jogar muito cedo e com tudo bem planeado, sem falhas. Se alguma técnica não estiver a ser bem desenvolvida e tiver de ser desconstruída, o processo de aprendizagem será muito mais difícil. Quando aprendemos um movimento, estamos a construir uma autoestrada cerebral. O nosso cérebro fica ligado a esse movimento. Quando tentamos mudar, temos de partir tudo novamente aos bocadinhos, e isso demora imenso tempo. Além disso, sejamos realistas, é muito difícil, especialmente em Portugal. Lembro-me de jogar com uma rapariga húngara, num torneio internacional, e de ter perdido com um resultado desnivelado. Depois percebi que ela, por dia, treinava ténis durante 6 horas e tinha 2 horas de aulas normais. Eu tinha 8 horas de escola e treinava ténis 2 horas ao final do dia. O sistema de ensino português não ajuda. Na altura em que jogava, era também muito difícil conseguir o estatuto de atleta de alta competição. Tinha de estar nos primeiros 200 ou 300 lugares do *ranking* da Federação Europeia de Ténis, durante 3 semanas seguidas. Para conseguir manter-me nesse *ranking* teria de faltar às aulas e chumbar o ano. É mesmo difícil.

**ULISBOA** Existe a opinião de que o melhor jogador de ténis é aquele que consegue passar mais vezes a bola por cima da rede, o que parece implicar que o melhor é quem comete menos erros. Concordam com esta ideia?

**VK** Depende do adversário. O ténis nunca é só o jogo de uma pessoa, mas de duas. Eu bato as bolas por cima da rede, mas há uma pessoa que me responde. Para conseguirmos dizer que o melhor jogador é aquele que passa mais bolas por cima da rede, temos de ter duas pessoas do mesmo nível que conseguem trocar 30 bolas seguidas. Depois, quando as mãos já estão a tremer, vemos quem falha. E aí talvez o melhor seja quem falha menos.

**ULISBOA** O bom jogador não conse-

gue impor sempre o seu jogo? Tem de se adaptar ao adversário?

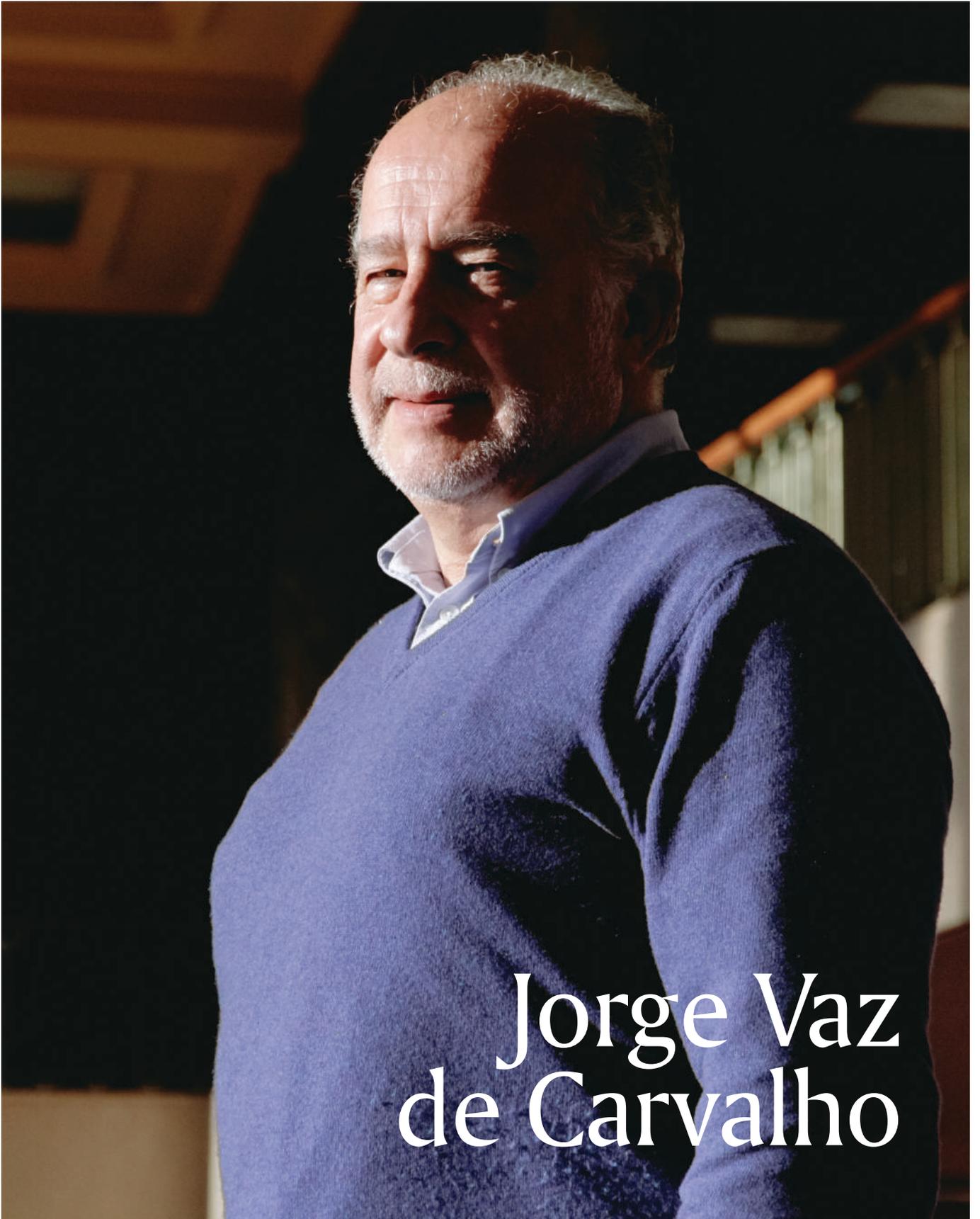
**VK** Tem sempre de se adaptar. Quando jogamos com alguém que joga melhor, jogamos melhor. E quando jogamos com alguém que joga pior, jogamos pior, falhamos sempre mais.

**RS** A pessoa que passa mais bolas por cima da rede, sobretudo em níveis mais baixos, consegue ser melhor. Depois também depende de quem arrisca mais. Se eu jogar contra a Vlada e ela estiver sempre a tentar fechar o ponto, a probabilidade de ela falhar é maior porque está a ter um jogo mais agressivo e eu um jogo mais defensivo. Quando era miúda, lembro-me de conseguir ganhar a adversárias que jogavam há mais tempo e que batiam a bola com mais força. Eu era o «piolho» a correr de um lado para o outro a passar as bolas todas. Aqui conta muito quem tem mais paciência no jogo. Em níveis mais elevados, faz diferença quem fecha o ponto, ou seja, quem consegue colocar a bola de tal forma que o adversário não a consegue devolver ou de um modo que o «obriga» a falhar.

**ULISBOA** Se pudessem escolher, quem gostariam de defrontar? E porquê?

**RS** Para ganhar, escolhia um dos meus colegas aqui do clube. Brincam muito comigo e gostava de ganhar a um deles. Quando era mais nova, adorava a Maria Sharapova. Gostava também muito da Serena Williams e da Victoria Azarenka. Já deixaram de jogar e agora não consigo eleger uma favorita. Para defrontar, escolhia a Sharapova. E do lado masculino escolhia o Roger Federer ou o Novak Djokovic. Acho que ia aprender com qualquer um. Ia ser uma experiência enriquecedora.

**VK** Escolheria o Björn Borg, porque queria ver esta máquina completamente calma no campo. Queria vê-lo a jogar sem nunca mostrar emoções, como no filme *Borg vs McEnroe*. Ou então escolheria o Rafael Nadal. Ele é esquerdino como eu. Não há muitos jogadores canhotos de topo. Também gosto muito do Roger Federer. *Chapeau bas!* É um *gentleman* em campo. ♦



# Jorge Vaz de Carvalho

## JORGE VAZ DE CARVALHO

é professor, tradutor e poeta.

Foi cantor lírico e aluno da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Fotografias

© Mariana Castro

**U**LISBOA Numa entrevista que Maria Alzira Seixo lhe fez, em 1986, ela refere, gracejando, que o Teatro Nacional de São Carlos «roubou para a atividade do canto um excelente aluno, possivelmente destinado a uma carreira importante na vida universitária». Nessa altura, o canto levou a melhor. Porquê?

**JORGE VAZ DE CARVALHO** Eu frequentava o primeiro mestrado que abriu na Faculdade de Letras, ainda em vida do Prof. Jacinto Prado Coelho. Estava motivado para a vida universitária, porque o que mais gostei e continuo a gostar de fazer na vida é ser professor. Lembro-me de ser criança e estar na carteira da escola a almejar aquele estrado. Depois do mestrado, era certo que seria convidado a ser professor na Faculdade. Na altura, também aprendia canto no São Carlos. Numa das aulas, passou um mestre italiano, que ia dirigir o *L'Elisir d'Amore*, de Donizetti, e disse: «Essa é a voz que eu quero para o meu Belcore.» Eu não tinha tempo: dava aulas no Liceu D. Filipa de Lencastre, fazia o mestrado, tinha outras atividades literárias, era autarca. Tinha duas horas para almoço e ele perguntou-me se conseguia almoçar numa hora e estudar a ópera na outra. Fi-lo. Quando estreou, foi um êxito. Fui convidado para a companhia residente do São Carlos, e pensei: «Se for professor, nunca poderei cantar ópera. Se for cantor de ópera, posso continuar a ler e a escrever.» Entretanto, houve um concurso internacional em Treviso, em Itália, que correu muito bem. Choveram contratos, começava a minha carreira. A partir daí, era irreversível.

**ULISBOA** Na mesma entrevista, disse que foi «embalado ao som de canções napolitanas» pelo seu pai, Manuel Vaz de Carvalho.

**JVC** Era o meu pai que me adormecia. Ele cantava ópera e embalava-me, a tal ponto que eu não queria ir para o colo da minha mãe. O facto é que a minha voz é igualzinha à dele.

**ULISBOA** Deixou alguma coisa gravada?

**JVC** Não sei se haverá alguma coisa em velhas cassetes. O meu pai tinha um vozeirão extraordinário. A personalidade era exatamente oposta à minha: o mais importante para ele era a mulher e o filho. Ele não tinha paciência para o que um cantor de ópera

«A literatura é a minha vida. A música tornou-se a minha profissão, a minha vivência primordial, mas sempre a achei um complemento.»

tem de fazer (cear, estar com os amigos, agentes, maestros). Acabava uma atuação e vinha a correr para casa. Não era capaz de deixar de ver a chaminé à casa. Eu saí ao contrário: odeio a ideia de casamento, de família, adoro liberdade absoluta.

**ULISBOA** Trocou o piano pela guitarra na adolescência e fundou uma banda *rock*. Era o vocalista? Quais são as suas referências musicais na música não erudita?

**JVC** Sim, também era o vocalista. Foi uma troca lógica para mim: aos 15 anos, achava que as miúdas não se iam apaixonar por um tipo que tocava Chopin, e o mais fácil seria tocar guitarra elétrica e ter uma banda *rock*. As minhas influências maiores na altura eram The Doors e Pink Floyd. Agora encontro alunos, com idade para serem meus netos, que ouvem exatamente as mesmas coisas, o que significa que tínhamos razão em gostar daquela rapaziada. Nunca fiz compartimentos estanques na música. Adoro *jazz*. O *Kind of Blue* do Miles Davis, o *A Love Supreme* do John Coltrane, são discos que se podem medir com os melhores da música clássica.

**ULISBOA** Foi o responsável pela formação da orquestra sinfónica do Porto e disse que considerava esse o seu maior contributo para a música portuguesa. Não pensou em ensinar música?

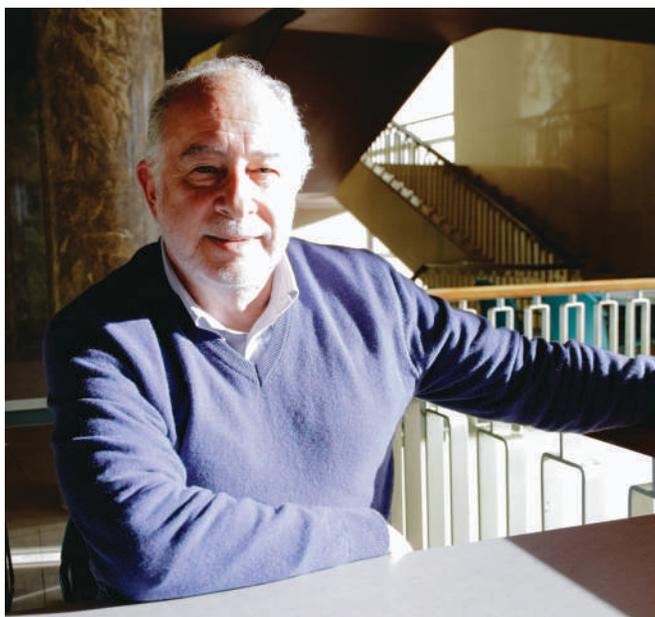
**JVC** Durante sete anos, na Orquestra Metropolitana, fiz um *atelier* de ópera com o maestro Pedro Amaral, em que ele tratava da parte orquestral e eu da parte vocal, dramaturgicamente e cénica. Ensinar isso a criaturas que estão a começar, cheias de sonhos e vontades, foi uma missão importante. Infelizmente, teve duração curta. Dei algumas aulas de canto, mas não me entusiasma.

**ULISBOA** Nunca hesitou em relação ao ensino da literatura?

**JVC** Não! A literatura é a minha vida. A música tornou-se a minha profissão, a minha vivência primordial, mas sempre a achei um complemento. Parti para a ópera na perspectiva do conhecimento. Não queria saber música apenas como ouvinte, queria estar no palco, conhecer a música por dentro, trabalhá-la, pôr a mão na massa.

**ULISBOA** Dar-lhe corpo.

**JVC** Isso: dar-lhe corpo. Está relacionado com a busca do conhecimento em várias áreas. Vou a uma cidade e o que me interessa é o conhecimento. Gosto de conhecer as civilizações a



fundo. A carreira de cantor de ópera, como decerto não aconteceria com a carreira de professor universitário, proporcionou-me. Eu não visitei Roma, eu vivi em Roma.

**ULISBOA** A que cantos do mundo o levou o canto?

**JVC** Cantei em todo o lado. Estive uma vez 40 dias em Xangai. Fui ao Japão, à Austrália, Brasil... Mas é o Mediterrâneo que mais me interessa. Passo as férias na Grécia ou em Itália, sempre.

**ULISBOA** Na sua opinião, a ópera não se deve traduzir. Mas a poesia, sim.

**JVC** Claro! Pode e deve.

**ULISBOA** Qual é a diferença?

**JVC** A prosódia do libreto de ópera está sempre sujeita à música. Os libretos pré-existentes são exceções. O Strauss, por exemplo, não percebia coisas de prosódia como o facto de um francês poder dizer: «*Je suis un homme!*», ou «*Je suis un homme!*», ou «*Je suis un homme!*» A música modifica-se ao sabor disto. Quando o compositor faz incidir o acento tónico da música nesta ou naquela sílaba, está a fazer uma interpretação que passa a ser definitiva naquele texto. Não tem interesse nenhum estragar a prosódia do libreto com tradução e adaptações, especialmente hoje, com a existência de legendas. A poesia é diferente. Eu só posso conhecer Maiakovski numa tradução, porque não sei russo. Agora, há traduções e traduções. Há que respeitar o autor original, ter-lhe fidelidade absoluta.

**ULISBOA** O tradutor pode ser uma espécie de intérprete, que tem de perceber onde está a tónica de uma sílaba.

**JVC** Claro. Quando ouço uma peça musical, é mediante um intérprete. Uma partitura, mesmo que a saiba ler, não tem realidade

«Uma partitura não tem realidade sonora enquanto não passar para o instrumento, ou para a voz. Sem intérprete não existe relação entre o compositor e o ouvinte. É o mesmo com a tradução.»

sonora enquanto não passar para o instrumento, ou para a voz. Sem intérprete não existe relação entre o compositor e o ouvinte. É o mesmo com a tradução. A personalidade do intérprete não se apaga, mas há uma humilde submissão do intérprete ao que pensa que o compositor quis dizer, porque é essa a sua obrigação.

**ULISBOA** Escolhe sempre obras desafiantes para traduzir.

**JVC** As outras não têm interesse.

**ULISBOA** O que o motiva a escolher estas obras tão paradigmáticas da literatura?

**JVC** Há duas que, não dizendo que são as minhas melhores traduções, são das melhores coisas que fiz na vida, e que não são de literatura: a tradução da *Ciência Nova*, de Vico, e a tradução do *Il Cortegiano*, do Castiglione.

**ULISBOA** São aquelas com que se sente mais satisfeito?

**JVC** Sinto-me mais satisfeito com o resultado. São duas obras que queria muito traduzir. O Vico na altura era praticamente ignorado, até pela universidade. E não se percebe a literatura portuguesa do século XVI ao século XVIII se não se ler o Castiglione. A própria vida do Cancioneiro Geral de Garcia de Resende percebe-se muito melhor se se perceber a distância que vai das conjeções de cortesão do Castiglione ao que se passava nas cortes de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I. Das línguas europeias civilizadas, éramos o único país que não tinha uma tradução de jeito. Em relação ao *Ulisses*, à *Divina Comédia*, e à *Vida Nova*, o meu problema era outro: achava que as traduções que existiam em português eram miseráveis. Estarão aí os séculos para decidir sobre a qualidade da minha. A primeira coisa que um tradutor

tem de estudar é o estilo do autor e os processos que utilizou. Não posso utilizar processos numa tradução que o autor não utilizou.

**ULISBOA** Pode dar exemplos?

**JVC** Na tradução da *Divina Comédia* de Vasco Graça Moura, como ele não consegue arranjar a rima de outra maneira, parte palavras a meio. Isso nunca passaria pela cabeça ao Dante. Ou utilizar neologismos, que o Dante não poderia ter utilizado. Além de que lhe falta uma coisa essencial quando se traduz poesia. Um senhor chamado Leonardo Bruni, biógrafo do Dante, tem o melhor texto sobre tradução que conheço. Nele diz que um tradutor tem de ter um ótimo ouvido. Porque sabe o que muitos poetas e prosadores hoje ignoram: a poesia é também fonética. Não posso fazer um decassílabo de Dante acentuado na 7.<sup>a</sup> sílaba, porque isso não existe na prosódia portuguesa do século XVI. Como tradutor, tenho de ter esse cuidado.

**ULISBOA** Parece-lhe, portanto, útil consultar traduções existentes de uma obra que esteja a traduzir?

**JVC** Sim, todas. Numa cadeira de Escrita Criativa, dou textos aos meus alunos para mostrar como não se escreve. Incluindo traduções.

**ULISBOA** Pode ensinar-se alguém a escrever?

**JVC** É possível ensinar alguém a escrever, mas não se pode ensinar alguém a ser escritor. São duas coisas diferentes. Um curso de escrita criativa tem méritos para quem saiba. Na primeira aula de escrita criativa, um aluno disse-me que gostava muito de escrever e queria ser autor, e para isso frequentava todos os cursos de escrita, tendo feito um com um autor português conhecido. Poucos dias depois, deparei com um livro desse autor. Só no segundo parágrafo contei 27 adjetivos. Comprei o livro, digitalizei a página, levei-a para a aula e disse: «Leiam este texto. É para vos mostrar como não se escreve.»

**ULISBOA** E quando lhes mostra como se escreve, além de Jorge de Sena, quem lhes dá a ler?

**JVC** Tanta coisa. Carlos de Oliveira escreveu várias vezes o mesmo livro. A primeira edição de *Uma Abelha na Chuva* não é igual à quinta, que não é igual à oitava, etc. Mostro-lhes a mesma página em duas edições diferentes para verem a importância da autocorreção para um escritor. Nunca vi ninguém tão preocupado com a diferença entre um ponto e vírgula e uma vírgula como Carlos de Oliveira. Em Letras, havia um professor que gostava da minha poesia e levou um conjunto de poemas meus ao Carlos de Oliveira, que os anotou a lápis. Ao lado do verso final de um poema, escreveu: «Outro adjetivo?» Ficou-me de emenda para o resto da vida. [*Risos*]

**ULISBOA** Fale-nos sobre a sua poesia. Escreve muito?

**JVC** Escrevo constantemente. O problema é que a carreira de ópera, depois a de professor e a de tradutor, fizeram-me acumular uma quantidade de poemas inéditos ou dispersos por revistas.

Desde os anos 90 que não publico um livro de poesia. Sairá um novo livro em setembro, pela Assírio & Alvim. Chama-se *Todos os caminhos* e é composto de poemas e fotografias, também da minha autoria. Mas a minha poesia modificou-se muito. A minha poesia inicial era amorosa e erótica. Gosto de meter a mão naquelas coisas em que parece que já está tudo dito.

**ULISBOA** Isso motiva-o?

**JVC** Muito! Não se nota pelas traduções que escolho? [*Risos*] Com a poesia, a mesma coisa. A história da literatura mundial faz-se sobre poesia amorosa. As canções que ouvimos no rádio dizem todas a mesma coisa. Escrever alguma coisa de original sobre isso é muito estimulante. Os meus temas atuais são mais pessimistas. O meu tempo mental é a Renascença, mas não sou um humanista: não acredito na espécie humana. A Terra não ganha nada com a nossa presença, pelo contrário. Mas, não existindo espécie humana, quem existe para ouvir a Sétima Sinfonia de Beethoven ou olhar para a Capela Sistina?

**ULISBOA** É importante que continuem a existir?

**JVC** É fundamental. Se não houver ninguém para olhar e para ouvir, essas obras, mesmo que subsistam, objetivamente não existem. Tive uma experiência muito bonita o ano passado, em Roma. Fui convidado para fazer uma conferência sobre a minha tradução do Dante, e depois fiz uma outra sobre a minha experiência dos anos que vivi na cidade. Relaciono-a com algo que aprendi num poema do Rilke, «Torso arcaico de Apolo». Ele vê a estátua, que não tem cabeça, não tem braços, não tem pernas, e, como na poesia, cabe ao leitor preencher o vazio da estátua. O meu fascínio em Roma e nas ruínas de Roma é justamente preencher os vazios. Um dos objetivos fundamentais da vida é perseguir a plenitude. Posso segui-la a partir do que existe, mas também do que falta. Pico della Mirandola diz que o nosso livre-arbítrio pode animalizar-nos ou divinizar-nos. Eu faço um esforço por me divinizar (digo-o sem presunção, ou seja, no sentido de me superar).

**ULISBOA** É uma questão de dignidade?

**JVC** Exatamente. O facto de eu não ser um humanista não faz de mim um desistente. Devemos lutar por essa dignidade e pela melhor expressão possível do humano.

**ULISBOA** Isso passa também pela beleza?

**JVC** É a única coisa que nos salva. Quando pegamos num disco ou num filme, o que procuramos? A beleza. É a única coisa que nos preenche.

**ULISBOA** A propósito da ópera *Così fan tutte* de Mozart, disse que era o Don Alfonso. Em que medida se identifica com esta personagem?

**JVC** O Don Alfonso é o filósofo que põe em causa as ideias feitas. É uma das minhas funções na vida, sobretudo como professor. O principal de uma universidade é desenvolver o espírito crítico dos alunos. ♦



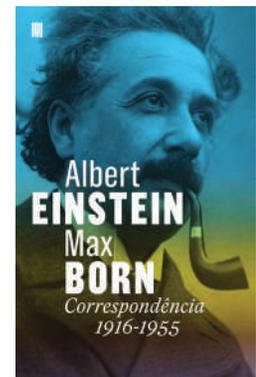
## PAULO CRAWFORD LÊ ALBERT EINSTEIN – MAX BORN: CORRESPONDÊNCIA 1916-1955

**A**s cartas entre M. Born e A. Einstein são um documento raro, composto de temas que ultrapassam o âmbito da física. *Companheirismo, Política e Tempos Incertos* é um subtítulo que por vezes acompanha esta correspondência, que relata as esperanças e as preocupações de cada um em relação à guerra e à paz, os seus pensamentos acerca dos seus trabalhos e os dos seus colegas. É um material de um valor incalculável para a história da ciência.

Esta foi a forma como Max Born, durante o primeiro congresso de relatividade geral, realizado em Berna em 1955, evocou a sua relação com a teoria de Einstein: «Durante a minha lua de mel em 1913, levava na minha bagagem alguns exemplares dos artigos de Einstein, que me absorveram durante horas, para grande consternação da minha mulher. Esses artigos pareceram-me fascinantes, mas difíceis e quase assustadores. Quando reencontrei Einstein em Berlim em 1915, a teoria tinha sido aperfeiçoada e coroada com a explicação da anomalia do periélio de Mercúrio, descoberta por Le Verrier. Compreendi-a então, não só graças às publicações, mas também através das numerosas discussões com Einstein,

o que teve como efeito que eu decidisse não mais empreender qualquer trabalho nesse campo. Os fundamentos da teoria da relatividade geral (RG) pareceram-me então, e ainda hoje, o maior feito do pensamento humano sobre a Natureza, a mais espantosa associação de penetração filosófica, de intuição física e de habilidade matemática. Mas os seus laços com a experiência eram ténues. Isso seduziu-me tal como uma grande obra de arte que se deve apreciar à distância.»

Este texto descreve, em grossas pinceladas, o verdadeiro lugar da RG na instituição científica, entre o princípio dos anos 1920, altura em que a teoria é reconhecida, e o início do seu renascimento, situado, simbolicamente, em 1955, ano da morte de Einstein. Born salienta três aspetos: a beleza, a dificuldade da teoria, e a sua fraca ligação com a experiência, embora estes últimos estejam hoje ultrapassados. O texto resultou de uma série de lições dadas em Frankfurt am Main a uma grande audiência, quando uma onda de interesse popular pela teoria da relatividade e pela personalidade de Einstein surgiu em todo o mundo, na sequência da primeira confirmação obtida do encurvamento dos raios luminosos pela ação do Sol, como previa a RG.



### ALBERT EINSTEIN – MAX BORN: CORRESPONDÊNCIA 1916-1955

**Albert Einstein,  
Max Born**

Tradução: Helena Topa  
ISBN: 978-989-8928-25-2

Outubro de 2019

PVP: 18,90 €

328 páginas



Nadejda  
**MANDELSTAM**

*Contra toda  
a Esperança*



